

A centralidade do trabalho e a Indústria Cultural: impactos no envelhecimento

The centrality of work and the Cultural Industry: impacts on aging

Laís Vila Verde Teixeira*
Josiani Julião Alves de Oliveira**

Resumo: O presente artigo busca analisar os impactos da Indústria Cultural na sociedade contemporânea. Trazemos uma explanação sobre a categoria trabalho e sua forma de organização na sociedade capitalista. O envelhecimento não se desvincilha da questão do trabalho visto que, hoje temos muitas pessoas idosas ativas no mercado mesmo depois de se aposentarem, muitas vezes por não encontrarem respaldo nas políticas sociais voltadas para a velhice. A Indústria Cultural também atinge este segmento, oferecendo produtos que levam a uma aparente satisfação pessoal diante da legitimação do uso da arte para disseminação do consumo. Este trabalho é fruto de pesquisa bibliográfica sobre as questões que envolvem o envelhecimento e a Indústria Cultural na atual organização do mundo do trabalho.

Palavras-chave: Trabalho. Envelhecimento. Indústria Cultural.

Abstract: This article analyzes the impacts of the Cultural Industry on contemporary society. We bring an explanation about the work category and its form of organization in capitalist society. Aging does not disengages from labor issue since because today we have many active older people in the market even after they retire, often because they do not find support in social policies geared towards old age. The Cultural Industry also affects this segment offering products that lead to an apparent personal satisfaction before the legitimizing of the use of art for the dissemination of consumption. This work is the result of bibliographical research on the issues that involve aging and the Cultural Industry in the current organization of the world of work.

Keywords: Work. Aging. Cultural Industry.

* Mestre em Serviço Social pelo Programa de Pós-graduação da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais (UNESP/ Campus de Franca). Graduação em Serviço Social pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Brasil. E-mail: lais.vilaverde@gmail.com.

** Pós Doutora pela Universidade de Aveiro-Portugal. Graduação (1991), Mestrado (1997) e Doutorado (2004) em Serviço Social pela Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho/UNESP de Franca em Serviço Social. Professora Assistente Doutor, no conjunto de disciplinas Iniciação Científica, Pesquisa em Serviço Social e Investigação em Serviço Social, do Departamento de Serviço Social e Professora da Disciplina de Seminário de Dissertação e Seminário de Pesquisa I e II no Programa de Pós Graduação em Serviço Social do Campus de Franca. Email: jjosiani@bol.com.br

Introdução

O artigo é fruto de uma pesquisa de referencial bibliográfico e faz parte da construção de uma dissertação de mestrado, dessa forma, o conteúdo aqui apresentado é resultado parcial de uma pesquisa. A partir da observação da realidade e da vivência do estágio supervisionado com pessoas idosas teve-se o desejo de desvelar um pouco sobre a temática Indústria Cultural e Envelhecimento tendo como pano de fundo a categoria Trabalho. Sendo assim, fez-se o uso de autores consagrados sobre a temática como Theodor Adorno, Solange Maria Teixeira, Ricardo Antunes, Ana Amélia Camarano, entre outros. A partir das reflexões feitas por meio das leituras, obteve-se como resultado o artigo aqui apresentado. Não é a intenção trazer conhecimentos fechados sobre o tema, mas sim, construir elementos para serem discutidos.

Primeiramente, apresenta-se o cenário conjuntural em que se insere a categoria trabalho no capitalismo contemporâneo, elencando os aspectos de como ela está configurada atualmente, lembrando também seus aspectos ontológicos. Diante das transformações societárias que ocorreram após a Revolução Industrial, tal categoria sofreu alterações extremas que necessitam ser debatidas.

Em seguida, explanaremos sobre o fenômeno do Envelhecimento, que vem sendo bastante discutido, principalmente em relação a Políticas Públicas para este segmento. Frente à atual configuração do mundo do trabalho, percebemos que as pessoas idosas ainda exercem atividades laborativas por diversos motivos, fator que tem influenciado na dinâmica da vida e no cotidiano dessas pessoas. Será abordado a questão do trabalhador idoso e os processos que decorrem do exercício deste trabalho.

Posteriormente, elabora-se algumas considerações acerca da Indústria Cultural, conceito difundido pelo filósofo Theodor Adorno (1947), na qual o mesmo traz elementos das formas de alienação por meio da indústria da cultura fortalecida pelos avanços da tecnologia, que tem se ampliado e assentado suas bases nesta forma de sociabilidade, o que permitiu seu crescimento e desenvolvimento a ponto de fazer parte do cotidiano das pessoas, muitas vezes despercebida. Diante disso, abordaremos a questão da

indústria cultural e a pessoa idosa, mostrando os reflexos que a mesma provoca na vida desses sujeitos sociais.

Por fim, realiza-se algumas reflexões sobre o conhecimento aqui apresentado de forma a expor as conclusões que não se encerram neste trabalho, pelo contrário, tem a intenção de fomentar discussões e novos questionamentos acerca da Indústria Cultural relacionado às questões do Envelhecimento, tema este, em ascensão no capitalismo contemporâneo e que vem ganhando destaque na mídia como forma de manter a sociabilidade vigente, criando novos valores e novas formas de sobrevivência.

Sociedade Capitalista Contemporânea: formas de organização do Trabalho

Frente a industrialização do próprio capital, a sociedade tem presenciado diversas transformações que provocaram impacto direto nas relações sociais. Isso se deve ao amadurecimento do modo de produção que a cada crise busca novas alternativas para garantir a sua manutenção e perpetuação.

[...] O modo de produção enseja a formação de distintas formas institucionais que garantem as condições de sua reprodução, assim como possibilita aos homens a formação de uma consciência coerente às necessidades dessa reprodução. (SILVA, 1984, p.27).

A partir da década de 1980 o mundo do trabalho transformou-se, principalmente em países de capitalismo avançado, onde a classe-que-vive-do-trabalho (ANTUNES, 2008) sofreu profundas crises, afetando inter-relacionamentos e até sua forma de ser. Isso provocou um grande salto tecnológico, mesclando fordismo e taylorismo, ou seja, mudanças nos moldes da produção.

A produção em série e de massa foram substituídas pela “flexibilização da produção”, que adequa a produção à lógica do mercado, provocando rebatimentos negativos nos direitos trabalhistas até então dificilmente conquistados.

Novos padrões de gestão da força de trabalho são incorporados a essa nova ideologia, como os Círculos de Controle de Qualidade (CCQs), que remetem a uma “gestão participativa de busca da qualidade total”, expressões estas, muito utilizadas em países de capitalismo avançado.

[...] O CCQ foi desenvolvido no Japão por gerentes de empresas, a partir dos anos 50, junto com o toyotismo. No sistema Toyota, os engenheiros do chão de fábrica deixam de ter um papel estratégico e a produção é controlada por grupos de trabalhadores. A empresa investe muito em treinamento, participação e sugestões para melhorar a qualidade e a produtividade. O controle de qualidade é apenas uma parte do CCQ. (WATANABE, 1993, p. 5 apud ANTUNES, 2008, p. 35).

Os valores toyotistas foram conquistando espaço e adeptos na sociedade de forma que, não somente a organização do trabalho se transformou, mas também a organização dos trabalhadores, que se encontra ameaçada sob o poder dos empresários, que incute na mente de seus funcionários que a empresa na qual trabalham é sua família, que dela necessitam cuidar, eliminando dessa forma, qualquer forma de organização autônoma dos trabalhadores.

Infere-se que todas as conquistas dos trabalhadores são irrisórias diante da nova ordem do capital, da flexibilização do trabalho e da desregulamentação dos direitos trabalhistas, lembrando o despotismo taylorista, que envolve e manipula, e que são características próprias da sociabilidade contemporânea moldada pelo sistema produtor de mercadorias.¹

O trabalho assalariado é a forma específica do regime a que vivem submetidos os produtores diretos no MPC. Isso significa que ele é parte constitutiva do sistema de exploração do trabalho que é próprio do MPC: por mais significativas que sejam as conquistas salariais dos trabalhadores (e elas são importantes em si mesmas, entre outras razões porque podem melhorar as suas condições de vida), não afetam o núcleo do caráter explorador da relação capital/trabalho. Do ponto de vista ideológico, aliás, o regime salarial contribui para difundir a falsa ideia, tão cara aos capitalistas, segundo a qual, mediante o salário, os trabalhadores obtêm a remuneração integral do seu trabalho. (PAULO NETTO; BRAZ, 2008, p. 104).

¹ Paulo Netto e Braz, em sua obra "Economia política" nos fala que a base do modo de produção capitalista é a exploração e que, portanto, ainda que houverem conquistas trabalhistas sempre haverá exploração do trabalho.

A acumulação flexível quer se voltar para o crescimento, isto é, crescer em valores que se apoiam em e na exploração do trabalho, oferecendo ao sistema uma intrínseca dinâmica tecnológica e organizacional, características intrínsecas ao Modo de Produção Capitalista (MPC).

Foram inseridos mecanismos de aproveitamento do tempo de produção, dentre eles, temos o quesito da polivalência do trabalhador, que deve operar várias máquinas ao mesmo tempo, na lógica *just in time* da empresa, ou seja, o processo de trabalho é cronometrado e deve responder à qualidade exigida pela empresa, intensificando o ritmo, o tempo e o processo de trabalho, flexibilizando o aparato produtivo e a organização do trabalho, havendo a necessidade de agilidade em se adaptar.

Este tipo de lógica mercadológica foi introduzida pela empresa japonesa automobilística Toyota, que influenciou fortemente na forma de racionalização do trabalho, na ênfase da meritocracia da empresa, no sindicalismo manipulado e cooptado e na produção condicionada pela demanda, intensificando o processo de exploração do trabalho.

Segundo Dupas (2001, p. 25),

[...] é certo que a flexibilidade propiciada pelas novas tecnologias têm permitido que o processo de geração de excedente no capitalismo atual não mais se restrinja à jornada de trabalho, invadindo os demais momentos do cotidiano do trabalhador, o que cria a ilusão de que o capital aproxima-se do trabalho ao não mais exigir cartão de ponto e ao remunerá-lo por resultado. Na verdade, a flexibilidade propiciada pelas novas tecnologias rompeu as limitações impostas pelas dimensões espaço/tempo, destruindo a verticalização da produção e fragmentando o trabalho para longe de um único espaço físico.

A nova lógica de mercado procura dispor de diversos mecanismos para responder à demanda existente e criar novas demandas, e, para isso, não se preocupa em destruir o que pouco sobrou do estado de bem-estar social naqueles países que viveram sobre este regime, se tratando do direito dos trabalhadores assalariados, já que o modelo japonês claramente atua em sintonia com a agenda neoliberal, do que com uma visão verdadeiramente social-democrata. A questão é viver o sonho do capital (ANTUNES, 2008),

Estado mínimo² para os trabalhadores e máximo para o capital.

Realmente, **o capitalismo contemporâneo particulariza-se pelo fato de, nele, o capital estar destruindo as regulamentações que lhes foram impostas como resultado das lutas do movimento operário e das camadas trabalhadoras**. A desmontagem (total ou parcial) dos vários tipos de *Welfare State* é o exemplo emblemático da estratégia do capital nos dias correntes, que prioriza a supressão de direitos sociais arduamente conquistados (apresentados como “privilégios” de trabalhadores) e a liquidação das garantias ao trabalho em nome da “flexibilização” já referida. (PAULO NETTO; BRAZ, 2008, p. 226, grifos dos autores).

Diante disso, há um distanciamento de alternativas que vão para além do capital, já que as medidas adotadas se embasam na ótica do mercado, da produtividade, das empresas, não levando em consideração expressões como o desemprego estrutural, que é resultado das transformações do processo produtivo. Não se considera a demanda trazida pelo trabalhador, visto que a mesma é fruto da exploração do trabalho, base em que se assenta a acumulação capitalista. Os dilemas da contemporaneidade possuem como raiz a forma de gerenciamento das relações sociais e de trabalho, influenciando em questões éticas, sociais e políticas.

Hoje a questão tornou-se mais complexa. No andar de cima potencializa-se a acumulação pelo grau de inovação, pela possibilidade de fragmentação das cadeias produtivas globais e pela enorme autonomia da tecnologia, esta última finalmente liberta de suas amarras éticas ou sociais, antes teoricamente representadas pelo papel mais atuante dos Estados nacionais. [...] Se a consequência desse de-

envolvimento for, por exemplo, um maciço aumento do desemprego por conta da radical automação no setor de serviços, este ônus passa a ser transferido para a sociedade, tenha ela ou não estrutura para lidar com a questão. (DUPAS, 2001, p. 28).

Acerca das metamorfoses do mundo do trabalho e da classe-que-vive-do-trabalho, observa-se uma *subproletarização* (ANTUNES, 2008, p. 47) intensificada, expressa na expansão do trabalho parcial, temporário, precário, subcontratado, “terceirizado”, que marca a sociedade capitalista, complementando o processo de estranhamento do trabalho que possibilita ao capital a apropriação do saber e do fazer do trabalho.

No atual modo de produção, o trabalho é estranhado/coisificado ao homem, fazendo com que ele não conheça todo o processo de produção, ou seja, não faz parte do produto que realiza, não se reconhecendo como parte do processo. A base de acumulação do capital é a exploração, a expropriação de mais-valia e a apropriação da riqueza socialmente produzida. O princípio de totalidade nos possibilita compreender que a subsunção do trabalho ontológico ao trabalho explorado não permite ao ser humano uma realização pessoal, mas responde apenas aos fetiches do capital globalizado.

Muitos trabalhadores padecem das transformações do mundo do trabalho precarizado, temporário, terceirizado, tendo seu cotidiano moldado pelo desemprego estrutural. O trabalho possui várias faces resultantes das modificações do mundo da produção de capital ocorrida nas últimas décadas.

Podemos dizer que essa nova lógica de mercado fez germinar um mercado de trabalhadores informais, ampliando o trabalho desregulamentado sem carteira assinada. Nesta era de informatização do trabalho (transferir as capacidades intelectuais para a máquina) há uma informalização do mesmo, que agrega uma classe desprovida de direitos com salários baixos. Hoje, vivencia-se a queda do trabalho contratado e regulamentado, que está sendo substituído pelo empreendedorismo, corporativismo e pelo trabalho voluntário. Esse cenário tem se desdobrado no aumento de instituições do terceiro setor, desenvolvendo atividades ligadas a assistência, com ou sem fins lucrativos à margem do mercado.

² O Estado adota medidas de incentivo fiscal para as grandes organizações enquanto as políticas sociais sofrem cortes exorbitantes. Segundo Montaño e Duriguetto (2011, p. 208, grifos dos autores) há uma “[...] orientação para o corte dos gastos sociais do Estado, para assim conter o déficit público e gerar **superávit primário**, segue, na verdade, as recomendações contidas no ajuste estrutural proposto pelos organismos internacionais, pelas quais as economias nacionais devem adaptar-se às novas condições da economia mundial. É nesse cenário que é preconizada a redução da intervenção estatal no financiamento e na operacionalização das políticas sociais”. Dessa forma focaliza suas ações e direciona os gastos públicos aos que comprovam sua pobreza.

A internacionalização do capital se caracteriza, portanto

[...] por um *processo de precarização estrutural do trabalho*, os capitais globais estão exigindo também o desmonte da legislação social protetora do trabalho. *E flexibilizar a legislação social do trabalho significa – não é possível ter nenhuma ilusão sobre isso – aumentar ainda mais os mecanismos de extração do sobre-trabalho, ampliar as formas de precarização e destruição dos direitos sociais arduamente conquistados pela classe trabalhadora, desde o início da Revolução Industrial, na Inglaterra, e especialmente pós-1930, quando se toma o exemplo brasileiro.* (ANTUNES, 2008, p. 109, grifo do autor).

Atualmente, a sociedade está passando por um processo em que procurar formas para se manter vivo se sobrepõe a muitas outras necessidades. O neoliberalismo tem ditado as regras: reestruturação produtiva³, privatização acelerada, recrudescimento do Estado, políticas fiscais e monetárias articuladas com órgãos mundiais como o fundo Monetário Internacional – FMI, desmonte dos direitos sociais, manipulação do trabalho, fragmentação e heterogeneização da classe trabalhadora. Diante deste cenário destruidor, onde o capital enfrenta suas crises criando outras crises para manter seu ciclo vital, podemos considerar e relevar a categoria trabalho como central neste modo de produção e na vida do homem, visto que

[...] o capital pode *diminuir* o trabalho vivo, mas não *eliminar-lo*. Pode intensificar sua utilização, pode precarizá-lo e mesmo desempregar parcelas imensas, mas não pode extingui-lo. (ANTUNES, 2008, p.186, grifo do autor).

Nesse cenário, o Estado não se posiciona de forma neutra, mas de forma cautelosa frente a nova ordem societária ditada pelo capital. Este novo modelo de Estado deveria garantir os

meios mínimos de sobrevivência para as pessoas, entretanto, a condicionalidade de inserção nos programas sociais restringe o acesso às políticas para boa parte da população. O Estado parece estar cumprindo um papel de ator observador ao invés de ser o protagonista, no sentido de estar buscando melhores alternativas para os apelos da população. Não garantindo o trabalho, acaba por incentivar o trabalho informal e precário. A forma assalariada de trabalho desenvolvida pelo capitalismo visa à integração das pessoas ao modo de produção. A concentração de renda e a desigualdade social contribuem para o desemprego estrutural.

Outra característica muito presente após a década de 1990 é a massificação do consumo e intensificação do sistema de produção, que tem como grande parceira a propaganda mercadológica, seja ela direta ou indireta, visando que o produto final alcance sucesso, ou seja, consumido por um grande número de pessoas.

As transformações ocorridas na sociedade e nas condições de vida da população estão relacionadas à ordem econômica, organização do trabalho, mudança de valores e de hábitos e afirmação da lógica individualista no contexto da sociedade, que provocam mudanças radicais no modo de organização familiar e no papel da pessoa idosa na sociedade, além de termos um crescimento acelerado da pobreza nas classes majoritariamente marginalizadas. Tais transformações societárias vão interferir no cotidiano e na subjetividade da pessoa idosa que está no mercado de trabalho. Devemos considerar que **“todas as transformações implementadas pelo capital têm como objetivo reverter a queda da taxa de lucro e criar condições renovadas para a exploração da força de trabalho”**. (PAULO NETTO; BRAZ, 2008, p.218, grifo dos autores).

Diante desse cenário encontram-se idosos que já se aposentaram, mas que, devido às intempéries enfrentadas nessa sociedade, ainda permanecem ou retornam ao mundo trabalho. São pessoas idosas que já usufruem de sua aposentadoria ou são beneficiárias de outros programas sociais, e que não veem alternativa para além do trabalho para garantir a sua sobrevivência e de sua família. O sistema capitalista se apropria dessa força de trabalho para garantir sua permanência como um dos braços do motor da economia.

³ Segundo Paulo Netto e Braz, a reestruturação produtiva atua em duas vertentes “[...] destina-se a mercados específicos e procura romper com a estandarização, buscando atender variabilidades culturais e regionais e voltando-se para a peculiaridade de ‘nichos’ particulares de consumo. De outra, o capital lança-se a um movimento de desconcentração industrial: promove a *desterritorialização da produção*[...]” (PAULO NETTO; BRAZ, 2008, p.216, grifos dos autores), ou seja, a fim de se distribuir em regiões periféricas intensificando os processos de exploração da força de trabalho.

Vivenciando a velhice no Estado Neoliberal

O mito do idoso tratado como um ser humano e social que perdeu sua utilidade, sua força física, sua capacidade de contribuir para com o sustento da casa, toma no neoliberalismo uma nova configuração, na qual o envelhecimento se torna uma problemática social, devido ao aparecimento de uma população que vive em vulnerabilidade social, e que por conta dessa situação passa a participar ativamente da força de trabalho, em que a pessoa idosa tem “[...] seu tempo de vida subordinado ao tempo de trabalho, mesmo depois de aposentado.” (TEIXEIRA, 2009, p. 68).

[...] como se verá, o rendimento do trabalho do idoso é fundamental na composição de sua renda pessoal e familiar, de tal forma que dificilmente se pode esperar mecanismos compensatórios que permitam a queda da sua participação no mercado de trabalho. (CAMARANO, 2004)

Faz-se uma associação da qualidade de vida na terceira idade com o mercado consumidor, no qual a pessoa idosa passa a ser então, alvo de propagandas, alvo do consumismo. E, observando a realidade aparente, percebe-se que a pessoa idosa que trabalha ou contribui com a renda familiar de outra forma, não possui uma qualidade de vida completa em sua totalidade, e, a família também não pode desfrutar ou ao menos buscar ter uma qualidade de vida entre seus membros.

Fala-se de uma população economicamente ativa que se vê de volta ao mercado de trabalho para suprir uma necessidade, tanto de sua família, que busca formas de sobrevivência, quanto do próprio mercado que não encontra mão-de-obra qualificada entre os mais jovens. Esse cenário provoca alterações, tanto no mercado de trabalho, ou seja, como receber essa mão-de-obra, quais subsídios oferecer, e também na política, que precisa respaldar essa população de forma a garantir a sua manutenção pessoal. Percebemos que o Estado se comporta de maneira periférica, sendo submisso aos ditames do capital, que se preocupa apenas com sua própria acumulação, oferecendo políticas que são “[...] incapazes de romper com o ciclo da pobreza decorrente da

apropriação privada da riqueza”. (TEIXEIRA, 2009, p. 69).

Por meio da proposta do envelhecimento ativo, o ensejo que se dá a política é que as pessoas idosas passem a ocupar os espaços de discussão, tornando-se autoras e construtoras de sua própria história, colocando em prática a sua cidadania enquanto sujeitos de direitos. A participação social diz respeito a todos os espaços: cultural, social político, econômico, lazer, entre outros, contribuindo para uma expectativa de vida saudável e com qualidade. Outro ponto a se considerar é que, quem está envolvido com este segmento, sejam especialistas ou voluntários, devem contribuir com o fortalecimento de ações coletivas voltada às questões do idoso, onde a pessoa idosa pode expor suas ideias e reivindicar seus direitos junto às instâncias governamentais. Entretanto, Teixeira (2009, p. 70-71, grifo do autor) nos afirma que

As diversas respostas contemporâneas à problemática do envelhecimento, tomado de forma genérica, não só mascaram a centralidade do envelhecimento do trabalhador na constituição dessa problemática social, mas também os *novos* movimentos sociais⁴, especialmente, na fase atual, em que as ONGs assumem a dianteira nessas lutas, não priorizam suas demandas e necessidades, como têm reforçado a cultura protetiva nesse enfrentamento, assumindo uma dimensão protecionista na execução de serviços, legitimando e dando corpo às novas simbioses entre o *público* e o *privado*.

Podemos tomar como desafio tornar público na sociedade a questão do envelhecimento e suas múltiplas facetas, visto que, forças políticas têm se desdobrado para manipular essa realidade, mascarando o que realmente acontece, principalmente em relação aos idosos trabalhadores. Essa população, por vezes, se vê como excluída por não encontrar aparato para suprirem suas necessidades. Ao mesmo tempo em que

⁴ Segundo Montaño e Duriguetto (2011, p. 264) “[...] caracteriza uma organização, com relativo grau de formalidade e de estabilidade, que não se reduz a uma dada atividade ou mobilização. [...] é conformado pelos próprios sujeitos portadores de certa identidade/ necessidade/ reivindicação/ pertencimento de classe, que se mobilizam por respostas ou para enfrentar tais questões – o movimento social constitui-se pelos próprios envolvidos diretamente na questão”.

temos sujeitos envolvidos para desmistificar o envelhecimento como algo ruim, fomentando o debate acerca da construção da cidadania para as pessoas idosas, em paralelo, a sociedade requisita para fazer parte da população economicamente ativa (PEA).

Envelhecimento Ativo e Sociedade Brasileira: sob o olhar da política

Em primeiro lugar, há que se lembrar que toda Política Pública perpassa pela questão de classe, bem como o seu acesso. Já é de nosso conhecimento que a política social possui um caráter seletivo, restrito a extrema pobreza, e somente tem direito aquele que está dentro do corte (condicionalidades/contrapartidas) proposto nos programas sociais de distribuição de renda.

Questões relacionadas ao envelhecimento deixaram de ser compreendidas no plano caritativo para serem compreendidas como direito. Surgiram inúmeros espaços de participação social para as pessoas idosas, como: conselhos, fóruns, grupos de convivência, universidades abertas para a terceira idade, programas municipais, estaduais e federais. Dessa forma, temos elementos para se romper com a visão endógena e culturalmente passada a gerações daquele idoso que apenas reclama ou, é inútil. A velhice deve ser vista como uma fase natural da vida em que cada pessoa tem sua forma de envelhecer, sendo ela determinada por condicionantes histórico-culturais, econômicos, políticos e sociais.

A sociedade está construindo a imagem de um idoso ativo, e que, devido à emergência do envelhecimento como uma problemática social e suas determinações na ordem do capital, demanda do Estado algumas respostas. “[...] Os idosos passaram a ocupar o espaço público não mais para desempenhar papéis sociais e culturais pré-determinados, mas como sujeitos, criando suas próprias histórias”. (BARROSO, 2009, p. 34). Dessa forma, se faz necessário discutir quais as tendências da legislação social para este segmento em ascensão.

Apesar de o protagonismo⁵ social dos idosos no cenário político estarem aumentando

significativamente, será que as políticas estão realmente atendendo as reais necessidades dos idosos? A ofensiva neoliberal tem realizado diversas manobras que, por vezes cerceia as possibilidades de conquista de direitos, ou seja, ao passo que se avança, um passo atrás deve ser dado. Em outras palavras, a democracia acontece a passos lentos, mas com possibilidades de mudanças, não deixando de considerar que o Estado atua de forma passiva frente às ordens do capital. Peres (2015, online) nos alerta que a própria política, em parte, privilegia o protagonismo das instituições representativas, ao afirmar que a participação social deve acontecer por meio delas, desmobilizando-se assim muitos movimentos sociais, que acabam por perder a voz e a vez.

A ação pública (estatal), através da legislação social como a Política Nacional do Idoso e Estatuto do Idoso, expressa a manutenção das funções reguladoras do Estado, particularmente as normatizadoras, mas não a de administrador e gestor prioritário da proteção social, dividindo responsabilidades sociais com o trato das refrações da questão social, legitimando o *mix* público/privado na prestação de serviços sociais, mascarando-os como públicos e como efetivadores de direitos, e estabelecendo outras formas de participação social da sociedade civil, sob a retórica da parceria, do cooperativismo, da solidariedade indiferenciada e entre sujeitos antagônicos. (TEIXEIRA, 2009, p. 72).

O processo de envelhecer não acontece de forma homogênea, mas perpassa pela questão de classe social, e nesse sentido, podemos refletir e concluir que o acesso também. Consideremos que ainda temos muitos desafios a serem enfrentados, seja a infraestrutura para atender a todos os idosos, seja a construção de uma consciência coletiva sobre a questão do envelhecimento populacional no Brasil, que necessita que a tomada

ideia de participação social, que tem suas bases na cidadania, que segundo Pedro Demo (1996, p. 71) a “Cidadania fundamental viceja neste lado, aquela que sabe tomar consciência das injustiças, descobre os direitos, vislumbra estratégias de reação e tenta mudar o rumo da história. Participação quer profundamente isto”. Nesse sentido, a pessoa idosa que possui instrumentais para buscar concretizar a sua cidadania está intimamente sendo um protagonista social, visto que a participação é um exercício de democracia.

⁵ Por hora, não temos um conceito concreto do que seja o protagonismo, visto ser esta uma categoria que se encontra em construção. Nisto, podemos dizer que o protagonismo se aproxima da

de medidas sejam efetivamente cumpridas, e não meramente paliativas. Esta é uma demanda posta ao Serviço Social que ainda deve ser amplamente discutida.

[...] há que se observar a diversidade que caracteriza tal grupo e a amplitude de necessidades que disso decorre, o que significa dizer que é possível envelhecer ativamente, mas que isso também pode não ocorrer para todos. Os próximos passos governamentais devem ser dados em direção ao reconhecimento da dita velhice fragilizada e de conceber ações voltadas a essa população. (RIBEIRO, 2011, p. 309).

E mais, devemos redobrar nossa atenção para percebermos que o Estado tem recuado cada vez mais quando o assunto é política social, em especial para a pessoa idosa, abrindo espaço para a iniciativa privada tomar seu lugar como principal autora de projetos voltados a esse segmento, tendo como pano de fundo os interesses corporativos voltados ao consumismo. Dessa forma, mascara qualquer forma de contradição existente nesse processo, retomando a psicologização das expressões da questão social, por meio de “[...] terapias de valorização social, de integração, de socialização, materializadas em ações que buscam a ocupação do tempo livre [...], atribuindo uma responsabilidade individual aos idosos pelos seus problemas e sua atenuação”. (TEIXEIRA, 2009, p. 74).

Se tratando da sociedade do consumo, posteriormente faz-se um diálogo entre a Indústria Cultural e o Envelhecimento, que tem deixado marcas relevantes na sociedade capitalista contemporânea e que ainda não é muito discutido no meio acadêmico. Aborda a questão da pessoa idosa como alvo da cultura de massa e do consumo.

Adorno e o conceito de Indústria Cultural

Após o desenvolvimento e compreensão teórica da sociedade capitalista contemporânea e da questão da velhice e do envelhecimento no Brasil, apresenta-se a discussão acerca da Indústria Cultural sob o olhar adorniano, a fim de que se possa compreender este fenômeno da pós-modernidade que tem se enraizado e difundido sua ideologia na sociedade. Podemos

dizer que é uma ideologia que se esvazia do humano para se encher do supérfluo, do imediato, do descartável.

Quanto menos promessas a indústria cultural tem a fazer, quanto menos ela consegue dar uma explicação da vida como algo dotado de sentido, mais vazia torna-se necessariamente a ideologia que ela difunde. (ADORNO; HORKHEIMER, 1947).

A cultura de massa surge com a Indústria Cultural, termo utilizado por Theodor Adorno (1947) para se referir ao uso da tecnologia nos meios de comunicação e cultura para incutir no ideário da sociedade que, o consumo é um bem cultural. Para exemplificar podemos citar o cinema e o rádio, que hoje fazem parte da produção em série e se transformaram em portal de negócios.

A tecnologia acabou se transformando basicamente em expressão da competição global, objetivando ampliar a participação nos mercados globais e a acumulação para, por sua vez, permitir novos investimentos em tecnologia e realimentar o ciclo de acumulação. Estabelece-se, portanto, o esquema clássico do progresso técnico como necessidade inalienável do capital e uma de suas fatalidades. Na metáfora marxista, ao promover sua expansão o capital cria condições para sua destruição; assim, tem de estar continuamente superando as barreiras que ele mesmo estabelece, ainda que gerando outras em nível superior. (DUPAS, 2001, p. 24).

Com o avanço da tecnologia vieram a melhoria dos processos e das técnicas de utilização das mesmas, bem como a descoberta de novos nichos de investimento e captação de recursos. É a reestruturação do próprio capital para criar um novo mercado consumidor, no caso, a arte e a cultura.

A Indústria Cultural chega aos consumidores por meio da venda e tem seu surgimento em países de economia avançada, estando presente nos vários âmbitos da vida social. Podemos perceber mais nitidamente esse fenômeno na esfera da arte, onde há a transferência da mesma para o consumo com vistas à lucratividade, transformando-a em mercadoria, padronizando suas particularidades. O consumo chega a todos os lugares independente de suas características,

pois, acima de qualquer coisa, deve atender aos interesses da classe dominante.

A dimensão criativa de quem faz parte do engendramento da Indústria Cultural deve estar sempre atualizado. Como o consumo tem ocupado boa parte da vida das pessoas, os produtos consumidos acabam por se tornar muitas vezes entediantes, ou seja, o consumidor está sempre em busca de algo novo para satisfazer o vazio que existe dentro dele, visto que, o objetivo dos produtos é a satisfação dos desejos, exigindo sempre novidades por parte dos criadores dos produtos a fim de provocar a alegria e a satisfação dos desejos de seus consumidores.

Frente a essa realidade, percebemos que as pessoas estão envolvidas num processo de falta de criticidade, estimuladas por uma lógica de sociedade que exime do ser humano qualquer forma de reflexão mais profunda sobre a realidade. Em contrapartida, também se encontram pessoas que não se submetem a essa lógica desmedida e, não necessitam dos bens oferecidos pela indústria para preencher de sentido seu cotidiano, encontrando nas pequenas coisas da vida a essência da sobrevivência humana.

A Indústria Cultural está vinculada às relações sociais, como uma máquina cultural que reflete um sistema coercitivo, no qual tudo se transforma em negócio, não havendo julgamentos conscientes. Nota-se claramente que essa realidade necessita que busquemos alternativas para se romper com essa visão utilitarista e consumista, que relega o ser humano a um mero ser consumidor em detrimento da dimensão humano-genérica do ser social, notoriamente massacrado pela sociedade capitalista, cerceando-o de toda sua liberdade emancipadora.

Tal depravação da cultura nos leva a refletir que esta ideologia nos permite uma falsa liberdade de pensamento e de escolha, na qual o universal substitui o particular por meio de uma linguagem própria de dominação. Dentro dessa lógica, o indivíduo é subsumido ao consumo, tornando-o cliente e empregado da Indústria Cultural, onde os juízos de valor não são levados em consideração. O indivíduo pensante é um inimigo que deve ser combatido.

[...] Quem não se conforma é punido com uma impotência econômica que se prolonga na impotência espiritual do individualista. Excluído

da atividade industrial, ele terá sua insuficiência facilmente comprovada. Atualmente em fase de desagregação na esfera da produção material, o mecanismo da oferta e da procura continua atuante na superestrutura como mecanismo de controle em favor dos dominantes. Os consumidores são os trabalhadores e os empregados, os lavradores e os pequenos burgueses. A produção capitalista os mantém tão bem presos em corpo e alma que eles sucumbem sem resistência ao que lhes é oferecido. Assim como dominados sempre levaram mais a sério do que os dominadores a moral que deles recebiam, hoje em dia as massas logradas sucumbem mais facilmente ao mito do sucesso do que os bem-sucedidos. Elas têm os desejos deles. Obstinadamente, insistem na ideologia que os escraviza. (ADORNO; HORKHEIMER, 1947).

A arte, por estar associada a economia de mercado, também se utiliza da informação para disseminar seus valores e, por este mesmo meio, manipular a vida em sociedade. Um dos meios de comunicação/informação mais utilizados pela Indústria Cultural é a Publicidade. É por meio dela que se tem o acesso a arte, porém de forma reificada, com total perda do seu real sentido, sendo traduzida apenas em mercadoria.

A quantidade de notícias a que se tem acesso na sociedade capitalista atual é diversificada, como também são diversificados os veículos que levam estas informações. Esta multiplicidade de dados é, na realidade, voltada para confundir a mente de grande parte da sociedade. Afinal, os veículos não conseguem analisar a sociedade de forma coerente com a sua realidade. Ao contrário, atendem um interesse comum, que é o da classe dominante. (SOUZA; SANTOS, 2009).

A tudo se confere um ar de semelhança, iludindo as pessoas de que a vida real é um prolongamento dos filmes, em que geralmente há uma ligeira identificação do expectador com a realidade demonstrada nas telas do cinema, dos filmes, nas músicas, nas peças teatrais, alienando a compreensão de homem e de mundo e atrofiando a imaginação do ser humano. É uma violência provocada pela Indústria Cultural levando-se ao consumo inevitável.

A ideologia da Indústria Cultural é vazia e a pretensão da arte é sempre a disseminação

dessa ideologia. Podemos dizer que tudo é utilizado como mecanismo de manipulação, inclusive, os meios de diversão servem como mediadores para atuar no controle social por parte da classe dominante. Dessa forma, a diversão reproduz os mesmos meios de reprodução do processo de trabalho, levando as pessoas a uma felicidade finita, que acaba quando os produtos já não satisfazem mais os seus desejos.

[...] A diversão é o prolongamento do trabalho sob o capitalismo tardio. Ela é procurada por quem quer escapar ao processo de trabalho mecanizado, para se pôr de novo em condições de enfrenta-lo. Mas, ao mesmo tempo, a mecanização atingiu um tal poderio sobre a pessoa em seu lazer e sobre a sua felicidade, ela determina tão profundamente a fabricação das mercadorias destinadas à diversão, que esta pessoa não pode mais perceber outra coisa senão as cópias que reproduzem o próprio processo de trabalho. (ADORNO; HORKHEIMER, 1947).

O capital tem como objetivo avançar em todas as áreas da vida social, inclusive nos espaços contrários à jornada de trabalho. De forma bem direta, tudo o que envolve as relações sociais vira mercadoria, não há nada que se faça e não se necessita comprar algo. As opções de lazer que não envolva o dinheiro estão ficando cada vez mais escassas atualmente.

Além de haver surgido um “mercado mundial de bens simbólicos”, mercadorias absolutamente novas se generalizaram (pense-se nos produtos e subprodutos da eletrônica, dos computadores de uso pessoal aos telefones celulares), mudaram muito as formas da sua circulação (do comércio disperso aos *shoppings centres* e, agora, via *internet*)[...] Sobretudo, contata-se que o universo da mercantilização, já amplificado na fase anterior do estágio imperialista, cresceu até o limite do insondável: está longe do exagero afirmar que atualmente *tudo é efetivamente* passível de transação mercantil, dos cuidados aos idosos ao passeio matinal de animais domésticos – em “serviços” (inclusive os sexuais) que se inserem na *industrialização generalizada* antes mencionada. (PAULO NETTO; BRAZ, 2008, p. 236, grifos dos autores).

Frente a esta reflexão, devemos tomar como verdade que o capital utiliza de estratégias

para manter o seu fundamento: a obtenção do lucro por meio da exploração do trabalho e também, via internacionalização dos mercados. Busca articular força junto à classe abastada da sociedade e à sombra do Estado, alimenta seu poder político.

Indústria Cultural e Envelhecimento

Ao observarmos essa questão do envelhecimento e Indústria Cultural, percebemos que se trata de uma temática pouco discutida, reconhecendo que esse fenômeno tem seu germe na sociedade capitalista contemporânea, e que tem se mostrado de forma tímida, pouco percebida por teóricos e estudiosos do envelhecimento. Sendo assim, este artigo também tem a finalidade de construir conhecimento e fomentar a discussão sobre as influências da indústria da cultura face ao envelhecimento da população.

Parte do interesse em se discutir sobre este assunto se deve a observação da realidade, que mostra cada vez mais que os valores da cultura de massa têm se sobreposto de forma massacrante sobre os valores humanos. Hoje, o que se valoriza é o valor do consumo. Consumo da arte, da mercadoria, do lazer, do conhecimento e das relações humanas, que também tem se tornado cada vez mais mercantilizada.

Pensando nisso, observa-se que esta tendência tem recaído sobre a população idosa mundial. A Indústria Cultural tem disseminado seus valores também entre os mais velhos, relegando a imagem da velhice, que remete a sabedoria, ao conhecimento externalizado e vivido como um mero “acessório” em face da disseminação do envelhecimento ativo e da busca da qualidade de vida pautada no consumismo. Podemos dizer que os valores como, autonomia, liberdade individual, respeito ao humano, solidariedade, entre outros, estão sendo engolidos por valores da pós-modernidade, que tem suas bases na disseminação do capital fundada na ideologia da classe dominante.

Diante do cenário aqui exposto, é de grande relevância dizer que o fenômeno da Indústria Cultural perpassa questões de classe, gênero, etnia, escolaridade, entre outros. Nesse sentido, podemos entender que tal fenômeno também chega ao cotidiano das pessoas idosas, de forma a levar o consumo voltado para a terceira idade

legitimado pela ideologia dominante e pela política de envelhecimento ativo, que, apesar de tecer argumentos importantes para o bem envelhecer, ao mesmo tempo traz uma ideia mercadológica da velhice voltada ao consumo.

Verifica-se que o sentimento de pertença a essa sociedade consumista deve ser promovido individualmente por cada um, procurando formas de se sentir parte do mundo em que vive, buscando meios na qual a minha identidade enquanto ser social depende da forma que eu estou situado dentro do contexto social. Assim, a Indústria Cultural oferece às pessoas os instrumentos para que o indivíduo construa a sua identidade social.

As novas imagens do envelhecimento são, sem dúvida, expressão de um contexto marcado por mudanças sociais, políticas e culturais, que redefinem esses indivíduos na sociedade contemporânea. A boa aparência, o bom relacionamento sexual e afetivo deixam de depender de qualidades fixas que as pessoas podem possuir ou não, e se transformam em algo que deve ser conquistado a partir de um esforço pessoal. (MATOS, 2012).

Os processos ideológicos interferem em todos os âmbitos da vida, dentre eles, podemos destacar a beleza, a estética e o culto ao corpo perfeito. A mídia não mede esforços para conquistar os telespectadores de forma geral, disseminando valores e padrões estéticos que são os ideais para viver feliz com o outro e consigo mesmo, de forma que esse padrão deve ser alcançado individualmente.

A indústria da beleza tem investido fortemente no mercado e atingido a todas as faixas etárias, injetando novos produtos no mercado para todas as idades. A beleza também tem se tornado um bem cultural a ser consumido, visto que a Indústria Cultural impõe um padrão a ser seguido.

Na velhice essa ideologia ganha força a partir do momento em que a pessoa idosa se aposenta e percebe que agora é a fase da vida para se divertir, cuidar de si mesmo, viajar, se dedicar a atividades que antes o tempo e o trabalho não permitiam, principalmente porque agora tem o recurso da aposentadoria para subsidiar uma "vida feliz". Nesse processo há de certa forma uma negação dos efeitos que o tempo provoca sobre o corpo, no qual muitas vezes a própria

pessoa não aceita totalmente a fase da vida em que está, buscando sempre outras maneiras de se sentir mais jovem, já que a juventude é considerada uma das melhores fases da vida.

As novas formas de comportamento veiculadas pela mídia criam um novo esteriótipo, de um idoso, ativo, jovem que, [...] rejeitam a própria ideia de velhice, ao considerar que a idade não é um marcador pertinente da definição das experiências. Se anteriormente os idosos eram homogeneizados por uma visão de invalidez e perdas, hoje o são através da imagem de um idoso ativo, saudável, em busca de atividades de lazer. Ambas as imagens afastam os idosos do lazer, a primeira por considerar as potencialidades da pessoa idosa e a segunda por negar a velhice, trazendo novas formas de comportamento com as quais os idosos não se identificam. (RODRIGUES, 2003).

O discurso hoje é o da qualidade de vida na terceira idade, ideia geralmente associada ao consumo de produtos que promovem a pessoa idosa a ter uma vida mais completa e feliz. Contudo, como explanado anteriormente, o trabalho possui centralidade na vida do ser social e, atinge um grande contingente de pessoas idosas que ainda permanecem no mercado de trabalho por diversas razões, seja por satisfação pessoal ou por ser elemento de proteção familiar atuando como provedor do lar. Nesse sentido, sabendo a forma como o mundo do trabalho está organizado, como a pessoa idosa que vive sob a condição de subalternidade pode ter qualidade de vida? Qual qualidade vida? São alguns questionamentos que se faz quando se olha para a realidade e vemos a ideologia da Indústria Cultural se disseminando em detrimento de idosos trabalhadores que não se incluem nessa proposta cultural de vida.

Nessa perspectiva, a ampliação do tempo de vida, ou do *tempo livre* nunca significará enriquecimento do gênero humano, na ordem do capital, mas sempre gerará pseudovalorização de uns e a completa desvalorização de outros. Isto porque, há muito, o *tempo livre* serve de *stock* de mercadorias, de bens e de serviços necessários à reprodução do capital. (TEIXEIRA, 2009, p. 76)

Assim, Indústria Cultural e Envelhecimento se encontram, trazendo em seu bojo questões

relacionadas ao envelhecer consumindo, fazendo parte de uma cadeia ideológica que propõe um estilo de vida que não alcança todas as classes sociais, não deixando de considerar a existência do fenômeno do idoso trabalhador na atual organização do mundo do trabalho. Enquanto houver lógica capitalista, pensar a emancipação ao menos política dos sujeitos sociais, continua sendo um grande desafio. As categorias profissionais que são comprometidas com a classe trabalhadora precisam unir esforços para construir uma nova forma de sociabilidade onde o belo não se sobreponha ao humano.

Outro ponto interessante a se destacar é a supressão do tempo livre. Muitas pessoas idosas não alcançam a qualidade de vida porque no tempo oposto ao trabalho também estão desenvolvendo alguma atividade. Portanto, questiona-se o que tem se tornado o tempo livre na vida das pessoas. Theodor Adorno (2002) nos fala que o tempo livre depende da situação geral da sociedade, na qual as pessoas não dispõem de si mesmas com real liberdade, estando acorrentadas ao tempo do trabalho.

A imagem que temos da sociedade é que parece que todos estão fadados a estar de alguma forma incluídos na ideologia dominante, não importando a idade ou a classe social. Nesse sentido, a própria velhice tem perdido seu espaço, visto que, o estereótipo propagado e veiculado pela mídia possui traços essencialmente jovens, tanto em relação à beleza, quanto ao estilo de vida. Pensamos que as pessoas idosas, ao se depararem com este cenário, se sentem na obrigação de mudar sua forma de pensar, de vestir, e até mesmo de se comportar socialmente, a fim de que possam se incluir nessa trama ideológica.

Retomamos o que dissemos anteriormente: os valores da cultura de massa têm se sobreposto de forma massacrante sobre os valores humanos. Pode-se dizer que, a identidade humana do ser social está passando por profundas transformações, visto que, o homem tem buscado se identificar com os valores culturais, esquecendo-se de sua essência.

Como muitos idosos tem se tornado o provedor do lar, percebemos que houve um aumento na renda da pessoa idosa, o que torna isso relevante para as análises socioeconômicas a cada vez que temos mais idosos como provedores. “[...] A universalização dos benefícios de seguridade

social contribui para aumento dos rendimentos da população idosa, principalmente nos segmentos de renda mais baixa”. (STEPANSKY, 2009, p. 183). Ou seja, o aumento, além de ser proveniente dos rendimentos do trabalho, também o são por meio dos benefícios sociais e previdenciários.

Com o avanço das tecnologias de comunicação e do aperfeiçoamento da publicidade, percebe-se que a cultura e os valores são direcionados para o mercado, ou seja, quanto mais se consome, mais se sobe na escala de valores do mercado. “[...] Neste cenário, em que novos produtos úteis e supérfluos, a um só tempo, são introduzidos a cada dia no mercado, é difícil definir o indispensável e o excedente para a sobrevivência individual, ou para a constituição de sua identidade social”. (STEPANSKY, 2009, p. 184). Mas o que o está na agenda do dia é “consuma sempre”.

Nesse sentido, o que se vivencia é a utopia da velhice, na qual a propaganda cria a imagem de um idoso que, na relação velho-consumo, redefina o idoso pós-moderno. “[...] A propaganda cria outro corpo para o idoso, sem história e sem memória. [...] É a importação do valor atribuído por uma classe de outro país, num processo de mundialização não apenas da produção e do consumo, mas também dos valores ligados ao produto”. (STEPANSKY, 2009, p. 185). Sendo assim, há uma “americanização” dos valores recorrentes nas sociedades ocidentais modernas, que introduzidas nas sociedades de economia tardia, provocam uma transformação que não cabe no estilo de vida brasileiro, por exemplo. As pessoas se veem obrigadas a mudar sua forma de pensar para se enquadrar no estilo ideológico imposto.

Para finalizar, há a internalização da ideia de que “[...] **você é o que você consome**”. (STEPANSKY, 2009, p. 185, grifo nosso). A liberdade está cerceada pelas possibilidades que o mercado oferece, e nessa lógica do idoso consumidor, está havendo uma crescente mercantilização da velhice, na qual “[...] o idoso na publicidade é juvenilizado, infantilizado ou ridicularizado. Aparece como caricatura ou como coadjuvante”. (STEPANSKY, 2009, p. 188). A pessoa idosa tem tido a sua identidade vendida pelos meios de comunicação que criam uma imagem da velhice como a fase do consumo. Porém, não se pode esquecer que essa situação não é

homogênea, pois, enquanto há pessoas idosas que conseguem disfrutar de seu tempo livre, há outros que buscam formas de sobrevivência nesta sociedade por meio do trabalho explorado.

Considerações Finais

A categoria trabalho é central na vida do homem. Por meio dela o homem se autorrealiza enquanto ser construtor de sua própria história, entretanto, na sociedade capitalista, a forma como estão organizados os processos de trabalho, excluem o homem de toda sua capacidade criativa e emancipadora, deixando-o alienado de todo o processo, não reconhecendo o produto de seu trabalho como parte do seu ser.

A lógica do mercado interfere nas formas de se vivenciar a velhice, inclusive na construção de políticas para este segmento, que hoje não encontra proteção em sua totalidade. Encontram-se muitas pessoas idosas vivendo sob a condição de vulnerabilidade social e não se veem protegidas pela política, sendo importante lembrar que muitas delas ainda se encontram no mercado de trabalho mesmo já estando aposentadas. A essa questão podemos dizer que o trabalho da pessoa idosa na contemporaneidade é importante para muitas famílias, pois é dele que vem o sustento familiar.

Em meio a esse contexto social, aparece o fenômeno da Indústria Cultural, nome dado por Adorno (1947) em sua obra "Dialética do Esclarecimento", para explicar a veneração do consumo como bem cultural. Foi dito aqui a questão da massificação e disseminação do consumo, legitimado pela classe dominante nos diversos âmbitos da vida social, direcionado para todos os segmentos populacionais. Este fato traz em seu bojo a arte como mediadora do consumo, usando os diversos mecanismos, sendo alguns deles o cinema, o rádio, a publicidade, como meios de disseminação do consumo para se ter uma vida feliz, uma vida idealizada.

Frente a isso, a pessoa idosa também é vítima da Indústria Cultural quando se faz a associação da qualidade de vida na terceira idade ao consumo. Seja por meio de centros de beleza e estética, procedimentos cirúrgicos, convivência e lazer, culto do corpo, entre outros, a pessoa idosa acaba por negar a sua velhice em busca de um corpo ou de uma vida idealizada, visto

que, a juventude é sobremaneira exaltada nesta sociedade, bem como estilo de vida.

Concluimos que não se pode estar separado desses fenômenos, ele acontece no movimento do real de forma dinâmica. Independente de classe social, a Indústria Cultural consegue atingir seu alvo, aprisionando as pessoas numa ilusão de que o consumo é a saída para a autorrealização, bem-estar, vivência de momentos felizes, porém, é uma forma de controlar a vida em sociedade sob a perspectiva da compra e venda de mercadorias em detrimento da subsunção do humano-genérico à lógica mercadológica. Sendo assim, a busca pela emancipação se vê de forma ameaçada, subjugada as amarras do capital, ficando àqueles que lutam por uma sociedade mais justa, a tarefa de tomarem esse desafio como motor de ações profissionais emancipadoras.

Referências

- ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Núcleo de Pesquisas e Estudos Sociedade, Subjetividade e Educação. Universidade Federal de Goiás. Goiás: NUPESE, 1947. Disponível em: <https://nupese.fe.ufg.br/up/208/o/fil_dialectica_esclarec.pdf?1349572420>. Acesso em: 9 jan. 2015.
- ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 13. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 2008.
- BARROSO, A. S. Participação da sociedade civil em políticas públicas voltadas à população idosa. **Boletim Instituto de Saúde**: Envelhecimento & Saúde, São Paulo, n. 47, p. 33-35, abr. 2009. Disponível em: <http://www.saude.sp.gov.br/resources/instituto-de-saude/homepage/bis/pdfs/bis_n47.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2015.
- CAMARANO, A. A. (Coord.). **Os idosos no mercado de trabalho**: tendências e consequências. Os novos idosos brasileiros muito além dos 60? Rio de Janeiro: IPEA, 2004. Disponível em <http://www.en.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/livros/Arq_23_Cap_14.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2015.
- DEMO, P. **Participação é conquista**: noções de política social participativa. 3.ed. São Paulo: Cortez, 1996.
- DUPAS, G. **Ética e poder na sociedade da informação**: de como a autonomia das novas

tecnologias obriga a rever o mito do progresso. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Ed. UNESP, 2001.

MATOS, C. L. A. Envelhecimento, Terceira Idade e Consumo Cultural. In: ECONTRO BAIANO DE ESTUDOS EM CULTURA, 3., 2012. Cachoeira: Ed. UFRB. Disponível em: < <http://www3.ufrb.edu.br/ebecult/wp-content/uploads/2012/04/Envelhecimento-terceira-idade-e-consumo-cultural.pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2015.

MONTAÑO, C; DURIGUETTO, M. L. Estado, Classe e Movimento Social. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2001 (Biblioteca básica de Serviço Social; v. 5)

PAULO NETTO, J.; BRAZ, M. **Economia política: uma introdução crítica**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

PERES, M. A. C. Velhice, política e autonomia: o movimento social do idoso e as políticas da terceira idade no Brasil. **Revista HISTEDBR on-line**, Campinas, n. 26, p. 144-159, jun. 2007. Disponível em: <www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/26/art09_26.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2015.

RIBEIRO, R. N. A reconstrução da velhice: ações políticas e sociais no mundo e no Brasil. **Revista de Estudos Universitários: REU**, Sorocaba, v. 37, n. 1, p. 295-310, jun. 2011. Disponível em: <<http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php?journal=reu&page=article&op=view&path%5B%5D=603>>. Acesso em: 15 jan. 2015.

RODRIGUES, M. C. As novas imagens do idoso veiculadas pela mídia: transformando o envelhecimento em um novo mercado de consumo. **Revista da UFG**, Goiânia, v. 5, n. 2, dez. 2003. Disponível em <http://www.proec.ufg.br/revista_ufg/idoso/imagens%20.html>. Acesso em: 1 fev. 2015.

SILVA, L. M. M. R. **Serviço Social e família: a legitimação de uma ideologia**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1984.

SOUZA, E; SANTOS, J. I. A massificação dos tempos modernos. **Sociologia**, São Paulo, ed. 22, 2009. Disponível em: <<http://sociologiacienciaevida.uol.com.br/ESSO/Edicoes/22/artigo127843-3.asp>>. Acesso em: 13 fev. 2015.

STEPANSKY, D. V. Produtos, Mercado de trabalho e consumo para a população idosa. In: BARROS JUNIOR, J. C. (Org.). **Empreendedorismo, trabalho e qualidade de vida na terceira idade**. São Paulo: Edicon, 2009.

TEIXEIRA, S. M. Envelhecimento do trabalhador e as tendências das formas de proteção social na sociedade brasileira. **Argumentum**, Vitória, v. 1, n. 1, p. 63-77,

2009. Disponível em: <dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/3989366.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2015.